

Apontamentos sobre a investigação do método “O equilibrista das seis cordas”

Comunicação

GTE08 – Educação Musical na Infância

Andrielle Evelyn de Sousa Teixeira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
andrigmr@gmail.com

Resumo: O presente trabalho se trata de um recorte de uma monografia cujo objetivo foi investigar os princípios que norteiam a elaboração do material didático "O equilibrista das seis cordas" de Silvana Mariani, investigando suas influências criativas e a forma como as atividades foram pensadas especificamente para o público infantil. A pesquisa foi desenvolvida através de uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, utilizando como método o estudo de caso. Quanto aos procedimentos técnicos, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a autora no dia 07/11/24, conduzida por meio de chamada de vídeo via Zoom. Os resultados demonstram que a autora possui clara consciência dos objetivos pedagógicos de seu método, que se destaca pela integração entre o ensino técnico do violão e elementos lúdicos. Essa combinação, presente nas diversas atividades propostas, revela uma preocupação constante em aliar o aprendizado musical ao desenvolvimento criativo das crianças, mantendo, ao mesmo tempo flexibilidade para adaptações por parte dos educadores.

Palavras-chave: Educação musical; Método de violão; Ensino de violão para crianças.

1. Introdução

O presente trabalho se trata de um recorte da monografia intitulada “Apontamentos sobre o método ‘O equilibrista das seis cordas’”. O objetivo deste trabalho é apresentar de que forma Silvana Mariani, autora do método “O equilibrista das seis cordas”, pensou neste material, quais influências para a criação do livro e de que forma as atividades foram pensadas para as crianças. Para a pesquisa, foi utilizada a metodologia qualitativa (Penna, 2015, p. 100) do tipo exploratória (Gil, 2002, p. 41) que tem como método o estudo de caso (Penna, 2015, p. 36). Quanto aos procedimentos técnicos, foi feita uma entrevista semiestruturada com a autora realizada no dia 07/11/2024 através da plataforma Zoom.

Inicialmente teremos uma conceituação do que são as infâncias e de que forma estas são retratadas no decorrer da história. No segundo momento está o cerne da pesquisa: o que fala o método “O equilibrista das seis cordas” de Silvana Mariani, onde são elencadas algumas atividades e considerações sobre o método com parafraseamentos da autora que foram retirados da entrevista, seguindo para as considerações finais deste trabalho.

2. Infâncias e seus conceitos a partir da história

Ao discutir obras didáticas voltadas ao público infantil é necessário, antes, fazer uma breve contextualização sobre o conceito contemporâneo de infância, considerando sua relevância como sujeito e protagonista nesse processo

A noção de infância como uma fase distinta do desenvolvimento humano é relativamente recente. Heywood (2004, p. 10) aponta que, durante séculos, essa etapa foi percebida apenas como um preparo para a vida adulta, o que limitava a compreensão da criança como sujeito social autônomo. Como também observa Caldeira (2010, p. 1-2), a identidade infantil era muitas vezes ignorada, sendo atribuída apenas quando a criança passava a reproduzir comportamentos considerados típicos do mundo adulto. Ressalto que não podemos falar de infâncias sem falarmos de questões relacionadas à aceitação social de meninos e meninas.

A desigualdade de gênero também marcava a forma como a infância era experienciada. Na Bretanha do século XIX, por exemplo, o nascimento de meninos era celebrado de forma mais enfática do que o de meninas (Heywood, 2004, p. 76), refletindo as construções culturais que inferiorizavam o que é dito como “feminino” desde os primeiros anos de vida. As meninas eram consideradas como “o produto de relações sexuais corrompidas pela enfermidade, libertinagem ou a desobediência a uma proibição”.¹

Ao utilizar o termo “infâncias”, busco destacar a pluralidade de experiências vividas por crianças, marcadas por fatores como gênero, classe, etnia, contexto histórico e outras que

¹ Heywood, 2004, p. 76.

permeiam a construção humana² (Warming, 2021, p.122). Essas interseccionalidades revelam diferentes formas de vivenciar a infância e as desigualdades que ainda persistem.

Gomes (2018) reitera que a concepção no tratamento dado à infância só veio a mudar entre os séculos XVI e XVII e, somente a partir do século XIX é que a família “(...) que antes tinha função apenas moral e social passa a ter a responsabilidade sentimental e afetiva sobre a criança que também passa a ser o sujeito principal da dinâmica familiar.”³

Portanto, durante todo este processo até sua consolidação plenamente aceita no século XX a criança ainda era considerada um “adulto imperfeito” e a infância não era uma etapa de interesse dos adultos.

No Brasil, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 21) propõe uma visão da criança como sujeito singular e ativo, que interpreta o mundo à sua maneira e expressa seus pensamentos por meio das interações e brincadeiras. Essa perspectiva reforça a importância de considerar a ludicidade e o afeto como elementos essenciais do processo de ensino-aprendizagem.

Desvincular a criança deste mundo próprio, desta natureza singular e das brincadeiras torna-se pouco didático e, além disso, vai contra as diretrizes do RCNEI, tornando o aprendizado muito mais lento e por vezes doloroso. Portanto, não podemos retirar a criança da infância.

Portanto, a consolidação do conceito de infâncias enquanto etapa singular da vida humana é resultado de transformações sociais ocorridas principalmente no século XX. Tais mudanças favoreceram a criação de políticas públicas e programas voltados à garantia dos direitos da criança, reconhecendo sua importância para a construção da cidadania desde os primeiros anos.

3. O que é o método “O equilibrista das seis cordas”?

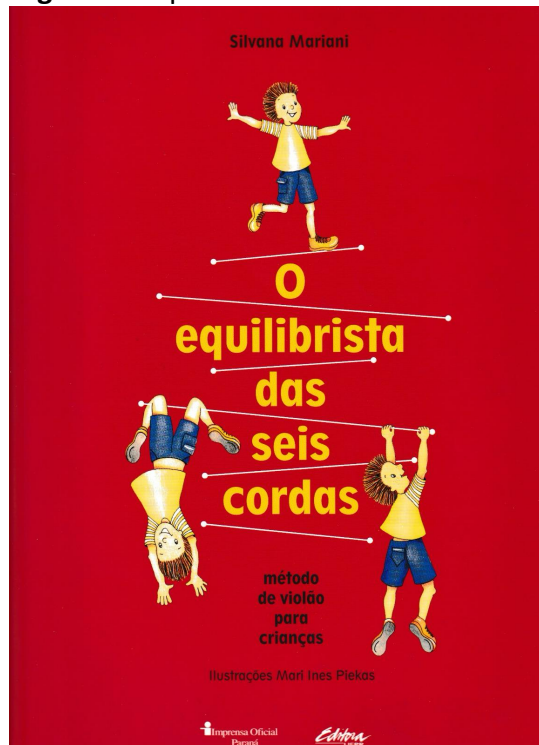
Publicado pela primeira vez em 2002 e revisado em 2009 para uma republicação, “O equilibrista das seis cordas” é um método de violão elaborado para crianças que aborda de

² “(...) é importante assinalar que existem muitas infâncias diferentes e que a negociação do que significa ser uma criança específica se cruza com as negociações sobre o significado de outras categorias”.

³ Gomes, 2018, p. 81-82.

maneira criativa o modo de ensino deste instrumento. Possui 131 páginas e é dividido em seis partes, sendo a última um anexo com orientações para os professores que possui diversas dicas de como aplicar as atividades propostas.

Figura 1: Capa do método



Fonte: acervo pessoal

O método foi criado a partir da reflexão das experiências de ensino que Mariani teve no Brasil e na Suíça. A partir desta síntese de anos de experiência no Brasil e fora dele, com sua bagagem de leitura de diversos materiais e experiências de vida desde o primeiro contato com o violão que nasce o método “O equilibrista das seis cordas”. (Mariani, 2024)⁴

O livro foi produzido de forma independente e sem financiamento. Segundo a autora, demorou cinco anos para que houvesse alguém para trabalhar na editoração. Através de um projeto na Universidade Federal do Paraná (UFPR) é que o livro teve sua primeira edição publicada no ano de 2002, entretanto, após receber uma parte dos direitos autorais em forma de livros, a autora distribuiu o livro de forma gratuita a professores e colegas.

Segundo Mariani, a propaganda do material foi feita a partir das pessoas interessadas no livro.

⁴ Informações concedidas pela autora para Andrielle Teixeira em entrevista realizada em 07/11/24.

(...) logo que saiu o livro, eu peguei a minha parte de direitos autorais, que eles pagaram pra mim direitos autorais, já distribuí os livros pra vários professores gratuitamente pra eles que pudessem ter acesso. E daí o livro foi mais ou menos se espalhando entre as pessoas porque as editoras normalmente não fazem muita propaganda. Eles (a editora) não têm um departamento comercial pra vender. (...) Daí a propaganda desse livro foi mais ou menos de boca em boca mesmo. Foram as pessoas que foram falando “esse livro é legal, vamos tentar (...)”. (Mariani, 2024)

O método é organizado em cinco partes principais, acrescidas de um anexo destinado aos docentes. Sua estrutura progressiva propõe, inicialmente, uma exploração do instrumento de forma lúdica, com apoio de canções do repertório popular e atividades que integram som, movimento e imaginação — como jogos de pulsação e brincadeiras rítmicas.

A partir das etapas seguintes, o material avança para conteúdos mais densos, incluindo leitura convencional de partituras, introdução a figuras rítmicas como semicolcheias e uso de escalas. A progressão inclui atividades de composição, improvisação e escuta ativa, promovendo uma articulação contínua entre teoria e prática.

O método também incorpora elementos de notação musical tradicional, ensino de cifras e construção de acordes, com ênfase no uso criativo das técnicas do violão, como glissandos e efeitos percussivos. Por fim, propõe o exercício da escuta (“Tirar de ouvido”⁵) como forma de desenvolver a percepção musical, culminando em uma atividade de transcrição auditiva.

A seguir temos a entrevista com a autora, onde buscou-se perguntar sobre pontos relevantes da progressão do material e o uso da ludicidade para a aprendizagem, além de outros tópicos para a compreensão deste método.

4. Entrevistando Silvana Mariani

A coleta de dados ocorreu em 07/11/2024, por meio de uma entrevista semiestruturada com Silvana Mariani, autora de "O Equilibrista das seis cordas". Utilizou-se um roteiro semiestruturado organizado em blocos temáticos, com flexibilidade para que a

⁵ “Tirar de ouvido” ou “tocar de ouvido” são, por vezes, descritos como sinônimos (Velho, 2011; Giorgetti, 2020; Fairbairn, 2024). Este fenômeno aliado da percepção musical e da educação musical informal pode ser entendido como a execução e aprendizagem musical auditivamente sem o uso da notação musical (Fairbairn, 2024, p. 2-3) e/ou “(...) a habilidade de reproduzir músicas no instrumento através da audição” (Velho, 2011, p. 29).

entrevistada abordasse livremente tópicos relevantes durante a conversa. Quanto aos procedimentos éticos, foi feita a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) anterior à entrevista.

4.1 Sobre a autora: breves considerações

A trajetória musical de Silvana Mariani é descrita por ela própria como “uma história longa e cheia de curvas” (Mariani, 2024) Seu primeiro contato com o violão, aos 13 anos, só foi possível graças a um presente de Natal de um amigo, já que sua mãe não tinha condições de comprar o instrumento. As aulas, conquistadas após bastante insistência de Mariani, ocorreram em uma loja de instrumentos e não em uma escola de música, e logo se revelaram frustrantes.

O método Mascarenhas, adotado pelo professor, focava em exercícios repetitivos (como ler “a corda solta 300 vezes, a corda Mi”⁶), distante da expectativa lúdica que Mariani tinha: “Eu imaginava que já ia chegar lá tocando [...] e no final achei a aula super maçante” (Mariani, 2024). A frustração de um material pouco didático e aulas pouco interessantes para uma criança a desestimulou e a mesma acabou desistindo de aprender com um professor, mas seu sonho ainda continuava vivo: Mariani buscou aprendizado autodidata com músicos populares e revistas de música.

Tendo começado sua formação musical tardiamente, ingressou na Licenciatura em música aos 22 anos ainda no Brasil e não finalizou o curso. Depois, mudou-se para a Suíça, onde reside atualmente.

Eu comecei a estudar licenciatura em música no Brasil, acho que eu tinha uns 22 anos, alguma coisa assim, e depois eu acabei me mudando para a Suíça, onde eu moro atualmente. Eu casei com um suíço e ele trabalhava aqui, então a gente tinha que decidir qual país ficava. Acabei me mudando para cá. (Mariani, 2024)

⁶ E eu me lembro que era um método que chamava... acho que minhas primeiras notas no violão, uma coisa assim, do Mascarenhas, que eu acho que era uma transposição de um método de acordeon e na primeira aula tinha aquelas notas bem baixas, tudo na sexta corda... Ler a corda solta 300 vezes, a corda de mi, e depois várias linhas de corda de lá, ficar lendo. E eu pensei, ‘meu Deus, isso que é aprender música?’. Eu fiquei muito mal mas eu continuei um tempo e depois acabei desistindo. (Mariani, 2024)

Lá, enfrentou a barreira linguística ao lecionar em escolas públicas, o que a levou ao Conservatório Superior de Música de Schaffhausen — onde ingressou no limite de idade (28 anos)⁷ —, atraída pela possibilidade de “só tocar, não falar” (Mariani, 2024).

De volta ao Brasil em 1995, dedicou-se por 15 anos ao ensino infantil e à formação de professores, onde foi convidada para ministrar cursos. Sua atuação expandiu-se para projetos interdisciplinares, como o seminário anual de violão para crianças em Itajaí⁸, onde há um seminário que integra música, teatro e outras artes cênicas.

A autora também possui experiência em cinema na produção de filmes e documentários, portanto, a junção entre espetáculo e música não é por acaso.

4.2 Recortes metodológicos: a Proposta Didática de “O Equilibrista das Seis Cordas” (com considerações da autora)

Ao iniciar o método, logo na “Parte I: conhecendo o violão”, temos a primeira pergunta: Qual é a melhor forma de segurar o violão? Aqui, temos diversas ilustrações de uma criança segurando o instrumento, algumas até um pouco cômicas do personagem segurando o instrumento como um violoncelo. No anexo destinado aos professores a autora justifica estas escolhas de postura com o instrumento ao salientar a importância de o aluno explorar as diferentes possibilidades que o violão tem a oferecer.

O professor fará o aluno conhecer as diferentes partes do instrumento, e contará como o instrumento é construído. Falará da profissão de luthier, que constrói instrumentos, e contará um pouco da história do violão, assim como os diversos tipos de violões: com cordas de aço, violão clássico, country e jazz, viola caipira, violão elétrico e guitarra. (Mariani, 2009, p. 118)

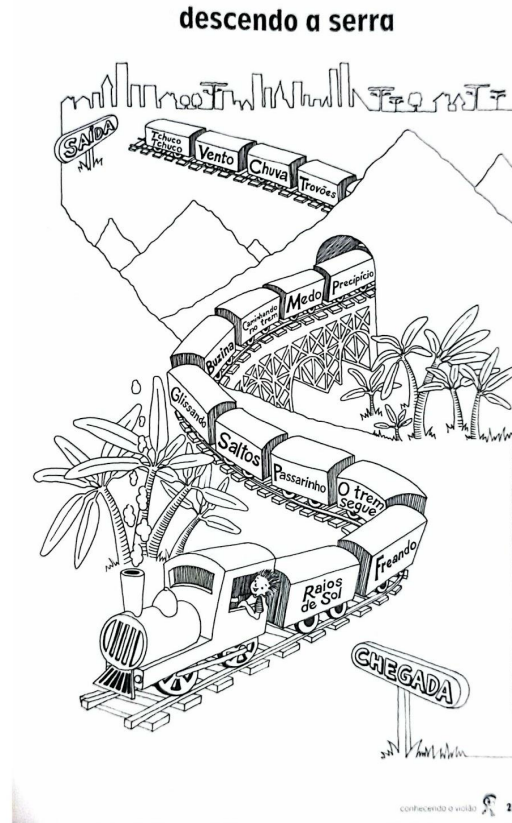
Ainda no anexo aos professores, aconselha-se fazer o discente conhecer os diferentes sons que podemos fazer com a caixa do violão, com as cordas, a boca e os cuidados com o instrumento, tudo isso através da fala do professor, que deve utilizar a folha de apresentação

⁷ Durante a entrevista concedida em 07/11/24, Silvana relata que atualmente a idade limite na Suíça é de 24-25 anos, não aceitando alunos acima dos 25 anos para fazer o bacharelado

⁸ Os Seminários de Violão de Itajaí são organizados pela professora Denise Vieira e é um evento importante para o ensino de violão nacional. A última edição até o momento se trata do XV Seminário de Violão de Itajaí, que ocorreu nos dias 25 e 26 de novembro de 2023.

como material de apoio e a usar a criatividade para saber como deverá passar todas essas informações.

Figura 2: Atividade “Descendo a serra” - explorando os sons no violão



Fonte: MARIANI, Silvana. O equilibrista das seis cordas, 2009, p. 23.

Na entrevista, temos o exemplo da atividade do trem que desce a serra e possui várias palavras escritas nos vagões e que devem ser interpretadas pelo aluno no instrumento, em que cada uma é uma técnica de violão clássico. Como ressalta a autora: “[...] vou aplicando (as técnicas) pra cada vagãozinho de trem que vai descendo a serra e daí a gente vai fazendo aqueles acontecimentos e eu vou contando uma história e na verdade a gente vai brincando fazendo isso no violão.” (Mariani, 2024). Podemos também utilizar estes mesmos sons para contar uma história apenas através do que conseguimos reproduzir com o violão, como pede a atividade da página 22 do livro.

Quando questionada sobre o uso das imagens no livro, Mariani responde que “a imagem às vezes fala muito mais que tudo. Você explica uma postura, mas se você tem um desenho de uma postura, a criança grava melhor isso.” (Mariani, 2024), ressaltando a

importância de trazer desenhos e algo concreto para que a criança possa se espelhar além do professor.

Algo interessante de se mencionar é o fato de a autora não sugerir uma faixa etária para a aplicação do livro, tanto na entrevista quanto no material, dando margem para a liberdade pedagógica do professor.

Após a introdução ao instrumento, temos a utilização do polegar para tocar as primeiras músicas, que são canções populares do folclore brasileiro. Ao perguntar sobre o repertório, a autora ressalta que há uma defasagem em relação a atualidade.

Então, eu escolhi bastante músicas folclóricas brasileiras, que as crianças quase não conhecem mais essas músicas, né. Na época, quando eu dava aula, conheciam bastante. Agora com a internet essas músicas desapareceram (um pouco) e várias vezes, nas minhas aulas mesmo, eu usava a metodologia do livro mas aplicada com outras músicas mais atuais que as crianças conheciam, que na época eram muito a Palavra Cantada⁹. (Mariani, 2024)

Aqui trago um pouco de minha experiência pessoal enquanto professora de violão. Por vezes há a relutância de os alunos gostarem de tocar o repertório que o professor traz, mesmo sendo músicas mais atuais. Apesar da dificuldade, se faz necessária a utilização do repertório brasileiro de cantigas populares para que estas canções continuem sendo lembradas. Cabe ao professor buscar estratégias que contornem esta situação. Algo que utilizo em minhas aulas são os “combinados” com os alunos, em que é pedido para que ele mostre uma música de escolha dele e o professor escolhe outra para que o repertório seja diversificado.

O que chama a atenção é o fato de a autora já iniciar a utilização dos dedos M, I e A (Médio, Indicador e Anular) com o toque com apoio¹⁰, trabalhando a pulsação. A justificativa desta sequência é que o toque com apoio possui um som mais limpo na visão da autora e que este toque possibilitará que o aluno toque todas as músicas do livro e que trará mais firmeza ao toque.

O toque com apoio também nos traz mais segurança por seu ponto de culminância ser na corda acima, trazendo estabilidade da mão direita, entretanto, também há vantagens que

⁹ Palavra Cantada era uma dupla formada pelos paulistanos Sandra Peres (1963) e Paulo Tatit (1955).

¹⁰ No violão o toque com apoio é feito da seguinte forma: o aluno toca a corda com um dos dedos e apoia na corda de cima (ou de baixo), fazendo da corda um ponto de apoio para a mão direita (para os destros).

devem ser consideradas no toque sem apoio, este que aparece na “parte III” do material, cerca de 28 páginas depois, sendo um toque mais versátil e útil para escalas, arpejos e acordes (Oliveira, 2011, p. 32).

Ao ser perguntada sobre o ensino tradicional no ensino de violão e o ensino lúdico¹¹ Mariani ressalta que busca desviar dos autores mais tradicionais, procurando utilizar de brincadeiras e jogos para suas aulas e para o método. Explica que, por exemplo, o método Suzuki é funcional mas, para ela, não é um método que busca tanto a expressividade e pouco explora a capacidade criativa das crianças (Mariani, 2024)¹².

A autora ressalta também que o brincar aprendendo faz parte da cultura popular brasileira¹³, sendo assim, é necessário compreender que a realidade cultural possui sua importância no processo de ensino aprendizagem.

Enfim, ao perguntar se houve alguma influência de outros autores da pedagogia musical, a autora responde que não pensou em algum autor específico, entretanto, faço a leitura que Mariani teve influências do pedagogo Dalcroze¹⁴ para a criação de seu método, já que a autora estudou em seu instituto localizado em Genebra¹⁵. Apesar disso, Silvana ressalta que utiliza muito do que aprendeu no Instituto ao lecionar suas aulas. “[...] no final das contas, como eu estudei no Instituto Dalcroze eu faço muita coisa na minha aula, quando eu dou aula, que largo o violão de lado e faço uma coisa com o corpo para entender aquilo que a gente está fazendo.” (Mariani, 2024).

¹¹ Pergunta transcrita da entrevista: “Quais são as maiores diferenças que você vê entre ensinar para crianças com o método mais lúdico e o método mais tradicional?”

¹² “Eu vou falar assim, agora no Brasil tem um pouco uma onda de método Suzuki, que é um método que funciona, todo mundo toca direitinho. Funciona, é um método bem universal, mas eu sempre fiquei muito angustiada de ver as pessoas tocando, (...) (em) vários lugares eu vejo aquela criança tocando tudo certinho assim, dentro do tempo, assim, nenhuma expressão, nenhuma vida, nada para dizer com aquilo, sabe? Eu particularmente não consigo trabalhar dessa maneira, (...) porque no final das contas a música não é só música, ela é a vida da gente”. (Mariani, 2024)

¹³ “Quando você vê a própria cultura popular do Brasil, como ela faz coisas, (as) brincadeiras com a música.” (Mariani, 2024)

¹⁴ Para Dalcroze os elementos que compõe a música devem ser estudados através do movimento corporal e da escuta ativa. “Jaques-Dalcroze desenvolveu gradualmente um método de educação musical baseado no movimento, onde o aprendizado ocorre por meio da música e pela música, por meio de uma escuta ativa.” (Ilari; Mateiro; Mariani, 2012, p. 27).

¹⁵ A autora estagiou como bolsista pelo Programa Bolsa Virtuose do Ministério da Cultura no Instituto Jaques-Dalcroze localizado em Genebra - Suíça (Ilari; Mateiro, 2012, p. 26)

Apesar da crítica a métodos mais tradicionais, há princípios utilizados no livro de Mariani que remetem aos exercícios do Suzuki Guitar School vol. 1, mas através de outra abordagem, como, por exemplo, na página 29 quando pede que a criança alterne as cordas tocadas utilizando diferentes combinações de dedos. Diferente de Suzuki, Mariani utiliza imagens e explicações mais diretas, divergindo do método Suzuki, que nos traz a mesma atividade através de uma abordagem mais tradicional.

Figura 3: à esquerda: método Suzuki Guitar School, p. 8 - Exercício de troca de cordas. À direita: O equilibrista das seis cordas, p. 29 - Exercício de toque com apoio

8

Exercises for Changing Strings

Place arm and hand as in Fig. 2. Change strings quickly.
All finger combinations (im, mi, ia, ai, ma, am) should eventually be used.

No. 1 i m i m i m change play etc. . . .

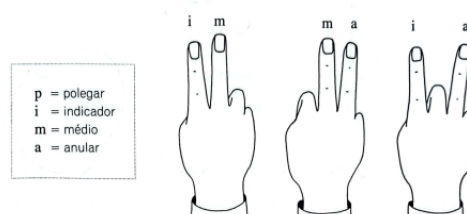
No. 2 i m i m i m change etc. . . .

No. 3

No. 4 i m i m i m i m i m i m i m i m i m

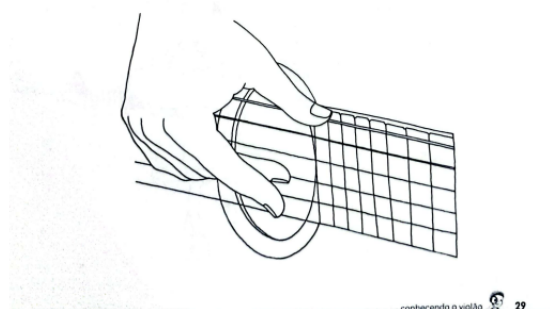
toque com apoio

Para tocar nas cordas agudas do violão (sol, si, mi), precisaremos usar pares de dedos. Vamos conhecer, então, os seus nomes e as possíveis combinações.



Usando uma das combinações de dedos (m-i, m-a ou i-a), repouse o polegar sobre a 6ª corda e toque alternadamente com a combinação escolhida na primeira corda. O dedo toca a corda e repousa na corda seguinte, só saindo para atacar a corda novamente quando o próximo dedo estiver chegando.

Essa maneira de tocar chama-se toque com apoio, e daqui em diante vamos utilizá-la em todas as melodias. Experimente tocar as diferentes combinações nas três primeiras cordas do violão, sempre deixando o polegar relaxado sobre a 6ª corda.



Fonte: acervo pessoal

Em outro momento, a autora ressalta que não prescreve um modo único de aplicação de seu livro, deixando a critério do professor escolher entre nomenclaturas convencionais ou alternativas. Essa flexibilidade permite adaptações pedagógicas, inclusive como introdução a gêneros musicais.

Na Parte III, o material trabalha com duos de violão, alternando melodia e acompanhamento arpejado, embora essa dinâmica não seja explicitamente detalhada no livro. Mariani explica que essa prática surgiu de sua experiência em aula: “O que está sendo tocado pelo aluno em cima pode depois trocar [...] já vai trazendo um certo conhecimento técnico” (Mariani, 2024).

A Parte IV integra cifras e canto, elemento que Mariani considera essencial no contexto brasileiro: “O violão e canto é uma coisa inseparável, no Brasil, sobretudo” (Mariani, 2024). Ela contrasta essa realidade com sua vivência na Suíça, onde percebeu resistência ao canto infantil: “Aqui as crianças não cantam na aula [...] têm vergonha” (Ibid.). Essa discussão dialoga com teóricos como Roman (2014, p. 67) e metodologias como as de Kodály (Ilari; Mateiro; Silva, p. 68) e Willems (Ilari; Mateiro; Silva, p. 103), que destacam o canto como base do desenvolvimento musical.

Por fim, a Parte V aborda escalas com digitação fixa para facilitar transposições, sempre reforçando que o livro não deve ser seguido linearmente. Mariani (2024) enfatiza: “Nunca usei meu livro até o fim com ninguém [...] é uma série de ideias”, defendendo uma aplicação não rígida do material.

5. Considerações finais

Este recorte de monografia buscou trazer uma síntese da análise feita sobre o método “O Equilibrista das Seis Cordas” de Silvana Mariani, evidenciando sua abordagem lúdica e flexível para o ensino de violão infantil. A pesquisa destacou como a autora integra técnicas tradicionais com atividades criativas (como narrativas musicais e adaptações de repertório), reforçando a importância da ludicidade no processo de aprendizagem.

A flexibilidade do método permite adaptações conforme o contexto do aluno, surgindo como uma de suas principais contribuições, embora também exija maior preparo dos professores em sala de aula. As limitações identificadas, como a dependência de cantigas folclóricas pouco conhecidas pelas crianças atuais, apontam para a necessidade de atualizações que dialoguem com os interesses contemporâneos. Além disso, a ausência de orientações detalhadas sobre certas técnicas (como os duos de violão) e de fundamentações

que sustentem a *práxis* sugerida no método nos traz oportunidades para pesquisas futuras ou para uma republicação com mais notas sobre as atividades no anexo aos professores.

O estudo reforça a relevância de métodos que valorizam a criatividade e a expressividade, oferecendo alternativas aos modelos tradicionais. Recomenda-se, portanto, a adoção de estratégias híbridas em sala de aula, combinando repertório tradicional com escolhas dos alunos, e a investigação de aplicações do método em novos contextos, como o ensino digital.

Por fim, o trabalho de Mariani destaca-se como uma contribuição significativa para a educação musical, alinhando-se às necessidades das infâncias contemporâneas e inspirando práticas pedagógicas mais inclusivas e dinâmicas.

Referências

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, v. 1, 1998. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 15 jul. 2025.

CALDEIRA, Laura Bianca. O conceito de infância no decorrer da história. 2010. Disponível em:

<https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-vila-velha/psicologia/o-conceito-de-infancia-no-decorrer-da-historia/86974534>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FAIRBAIRN, Alberto Americano. Revisão bibliográfica: métodos sobre tocar e tirar harmonia de ouvido. In: *Congresso da ANPPOM*, XXXIV. Música e pessoas que vivem a música: sustentabilidade e *práxis*. Anais [...]. 2024.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

GIORGETTI, Luiz Rafael Moretto. Práticas pedagógicas de auxílio ao desenvolvimento da escuta musical na disciplina de percepção musical. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, São Paulo, 2018.

GOMES, Carolina Chaves. Educação infantil nos cursos de licenciatura em música: um olhar sobre a formação docente. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, p. 183. 2018.

HEYWOOD, Colin. Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Trad.: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARIANI, Silvana. Capítulo 1 - Émile Jaques-Dalcroze: A música e o movimento. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: InterSaberes, 2012. p.13-24.

MARIANI, Silvana. O equilibrista das seis cordas: método de violão para crianças. Ilustrações de Maria Inês Piekas. 1. ed. revisada. Curitiba: Editora da UFPR, 2009.

MARIANI, Silvana. Entrevista com Silvana Mariani. Entrevista concedida a Andrielle Teixeira. 07 de Nov. 2024.

PENNA, Maura. Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música. Porto Alegre: Meridional, 2015.

ROMAN, Guilherme Gabriel Ballande. Antes de falar as crianças cantam! Considerações sobre o ensino de música na educação infantil. *Teoria e Prática da Educação*, v. 17, n. 3, p. 61-71, 2024.

SUZUKI, Shinichi. Suzuki guitar school: vol. 1. Miami: Summy-Birchard Inc., 1991.

TOMÁS, Catarina; TREVISAN, Gabriela; CARVALHO, Maria João Leote de; FERNANDES, Natália (orgs.). Conceitos-chave em sociologia da infância: perspectivas globais. Braga: UMinho Editora, 2021.

VELHO, Simone. Compreendendo os procedimentos da atividade “tocar de ouvido”. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2011.